

PAULO LOPO SARAIVA — Professor da UFRN

**OS FATORES DETERMINANTES
DA CULTURA**

BRASÍLIA — 1976

PAULO LOPO SARAIVA — Professor da UFRN

A amiga Arani,
com estima e admiração,
Paulo Saraiva:
 Natal, 11.4.77

OS FATORES DETERMINANTES DA CULTURA





À memória de minha Mãe MARIA DA CONCEIÇÃO LOPO;

À minha esposa e filhos, companheiros no planalto e na planície.

Ao meu Pai e Irmãs, a homenagem do filho presente;

Ao Senador Dinarte Mariz e ao Deputado Wanderley Mariz, minha gratidão e amizade.

Natal, 22 de abril de 1976.

Paulo Lopo Saraiva



A GUISA DE APRESENTAÇÃO

Veríssimo de Melo

Falar sobre PAULO LOPO SARAIVA, em qualquer oportunidade, é sempre agradável e estimulante.

Dos mais jovens professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, após concurso brilhante — saindo quase ao mesmo tempo de sua carteira de estudante para assumir a cátedra, Paulo não demorou dois anos ministrando aulas e *lá se mandou* para Lisboa, a fim de fazer Mestrado em Ciência Política. Antes de concluir o curso de alto nível, volta a Natal e é convocado para assumir a Secretaria de Finanças da Prefeitura Municipal. Demorou alguns meses no novo posto, e logo subiu novamente no avião em demanda da Europa, para concluir o Mestrado. Volta agora, decidido, como sempre, otimista, cordial.

PAULO LOPO SARAIVA é imprevisível. Anda sempre na frente do lugar onde nós esperávamos que ele estivesse. Este comportamento atesta a inquietação do seu espírito, dos mais lúcidos que conhecemos na modernidade norte-rio-grandense. Inclusive incansável para atender às solicitações dos seus amigos e admiradores, entre os quais nos incluímos gostosamente, Paulo se multiplica e não se perde. Ele se traçou a si próprio o rumo de sua viagem ao futuro, que só poderá ser de responsabilidade, de muito serviço a ser prestado ao próximo, divisando mais a coletividade, o bem comum, a justiça social, do que qualquer outra motivação de sentido pessoal.

Mais e do que muitos jovens do seu tempo, Paulo Lopo Saraiva compreendeu o pensamento altruístico de Albert Einstein ao afirmar: “Determina-se o verdadeiro valor de um homem examinando-se em medida e em que sentido ele chegou a libertar-se do Eu. O valor de um homem, para sua comunidade, depende antes de tudo da medida em que seus sentimentos, seus pensamentos,

seus atos são aplicados no desenvolvimento da existência dos outros homens”.

Não somos profetas. Todavia, a um jovem com as virtudes inatas e raras de Paulo Lopo Saraiva só pode esperar e desejar um grande futuro. Não há ninguém mais simpático, envolvente de fidalguia e boa educação do que ele. A esses dons superiores, somem-se a sua inteligência privilegiada, sua docilidade permanente e decisão nos momentos necessários, seu amor à Pátria e o culto às instituições brasileiras fundamentais e calculem para onde naturalmente ele se encaminha.

O amor à cultura é outra credencial do Prof. Paulo Lopo Saraiva. O breve ensaio que agora nos oferece à leitura é outra prova de sua versatilidade, dentro dos seus estudos gerais de Política. Coloca a posição atual do conceito de “cultura” e nos fala, com propriedade e erudição, sobre os fatores condicionantes daquele comportamento peculiar à espécie humana. O estudante de Antropologia Cultural, que assimilou bem todo o curso, não aceita, todavia, tudo que leu e aprendeu. Discorda. Analisa. Selecciona. Toma posição franca e aberta contra certos pontos de vista que julga superados.

O Prof. PAULO LOPO SARAIVA não aceita a desumanização do homem e nem se entrega à solidão que o surto de desenvolvimento parece tentar nos envolver. Ele crê na tarefa máxima da Antropologia, ao modelar o homem do futuro. E como humanista que o é, sente o perigo da marcha avassaladora dos modernos instrumentos, criados pelo próprio homem, a conquista dos novos tempos, mas crê ainda na sua capacidade de vencer os obstáculos inerentes à própria existência.

Concordamos plenamente com o bom estudante de Antropologia Cultural. O homem tudo pode — sabemos —, mas destruir-se a si mesmo seria a mais monstruosa e inconcebível de todas as criações. Seria a negação de sua condição humana. Por isso, nós cremos também, como o Prof. Paulo Lopo Saraiva, que a cultura, criação do Homem, antes de perdê-lo, o salvará. É quem sabe se não caminharemos, como queria Tilhard de Chardin, para aquele ponto crítico de hiper-reflexão ou super-reflexão, que possibilitará o aparecimento do ser ultra-humano ou trans-humano, na Noosfera? Não só no seu sentido biológico, mas igualmente no sentido de “O FENÔMENO HUMANO”, que o homem é uma coisa incompleta, que se está fazendo. É preciso crer no humano que ainda há no homem.

“A REAÇÃO PARTIU DOS QUE APRECIAM A POSIÇÃO ECLÉTICA EM CUJA VIRTUDE, DADA A QUANTIDADE DE FORÇAS (GEOGRÁFICAS, BIOLÓGICAS, PSICOLÓGICAS, HISTÓRICAS) QUE INTERVÊM NA CULTURA, NÃO É LÍCITO EXALTAR O PAPEL DE NENHUMA DELAS EM DETRIMENTO DOS DEMAIS, DEVENDO-SE ESTUDÁ-LAS E PONDERÁ-LAS TODAS.”

J. M. HERSKOVITS

ÍNDICE

	Pág.
PRÓLOGO	11
O POSICIONAMENTO ATUAL DO TERMO "CULTURA"	13
FATORES DETERMINANTES DA CULTURA	15
FATORES BIOPSICOLÓGICOS	15
FATORES GEOGRÁFICOS	17
FATORES HISTÓRICOS	19
A CULTURA COMO FATOR DE SUA PRÓPRIA EVOLUÇÃO	22
CONCLUSÃO	22

1 — PRÓLOGO

As constantes descobertas do mundo em que vivemos têm modificado a perspectiva humana.

A noção milenar de que o homem é “um animal político”, “um ser social e cultural”, embora não seja contestada, sofre a ameaça do avanço tecnológico. O Humanismo, na sua expressão clássica, sente-se invadido pela era nuclear.

Tem-se a nítida impressão de que a sociedade industrial não é mais que uma forma requintada de desumanizar o homem.

O surto desenvolvimentista traz consigo uma imensa solidão, impondo ao homem a negação do seu próprio poder.

As máquinas já andam, raciocinam, esquematizam e decidem.

A Cibernética avança em todos os campos da atividade humana, incursionando em áreas antes tidas como inacessíveis. Essa extraordinária onda de progresso encerra, na sua escalada célere, um grande poder de destruição da própria humanidade.

As várias tentativas políticas de controle, equilíbrio e coexistência de forças atestam a iminência do perigo e a possibilidade de uma verdadeira catástrofe.

No cenário dessas transformações violentas e imprevisíveis está o homem, centro de todas as atenções e “ratio essendi” de todas as preocupações.

Elaborador único dessa imensa cultura material, é dele, contra ou a favor dele, que emergem as novas técnicas. E o homem cada vez mais minimiza-se diante de sua própria obra.

Pesquisas recentes nos revelam que 90% dos sábios e técnicos que jamais existiram, em todos os tempos, estão vivendo e trabalhando nos dias atuais.

De uma relação de 300 descobertas e invenções mais conhecidas ou importantes, nada menos de 213 surgiram do século passa-

do para cá, representando conquistas básicas em todos os setores da atividade humana.

O elenco das descobertas, que o avanço tecnológico oferecerá até o ano 2.000, demonstra a vertiginosa marcha da cultura humana. Entre outras, teremos: teletreamento das informações entre hospitais; expansão das comunicações por satélites; controle automático dos tráfegos aéreos; base lunar temporária e depois permanente; bancos de dados na medicina e no direito; inteligência artificial; detecção de acidentes genéticos antes do nascimento e órgãos artificiais.

Essas previsões, muitas já realidades, exprimem uma verdadeira revolução tecnológica.

A cultura, através de sua própria evolução, ensejará modificações profundas nas estruturas sociais, abalando, pelo ímpeto das novas técnicas, muitas até destrutivas, o complexo arcabouço da sociedade futura.

E o homem resistirá a esse vendaval? Surgirá, de fato, O HOMO DURABILIS ou O HOMEM CEREIBROTRICATUS, capaz de adaptar-se às novas exigências e controlar seus próprios inventos?

Que determinantes, limitadores ou condicionantes poderão moldar o mundo porvindouro? Ou o homem sucumbirá atônito, vítima de sua própria cultura material?

Eis o grande desafio para os cientistas do homem.

A análise dos fatores que influenciam a cultura, embora complexa e poliforma, indicará, sem dúvida, as variantes do progresso da humanidade e como se processará a evolução dos determinantes culturais.

Esse estudo de profundidade do novo tipo humano, que se projetará no futuro, é a tarefa da Antropologia moderna.

Examinaremos, aqui, os elementos que influenciam a cultura, procurando demonstrar que eles não se sobrepõem, não se excluem, nem há supremacia de nenhum; antes se interdependem, completam-se e conjugam-se.

Para nós inexistente o determinismo em qualquer das suas acepções, pois entendemos que o homem é o protagonista dos mais variados fenômenos, destacando-se: o político, social, cultural, econômico, histórico, jurídico, religioso e biopsicológico.

Faremos uma abordagem acerca do significado atual do termo “cultura” e depois analisaremos os fatores que limitam ou condicionam a cultura, excluindo, desde já, o entendimento determinista.

Procuramos, assim, visualizar as dimensões do progresso humano, sob uma ótica mais consentânea com a realidade hodierna.

Se “o homem é descrito como ser que possui cultura” e essa constitui o traço marcante entre o racional e o irracional, o estudo dos determinantes, limitadores ou condicionantes culturais torna-se necessário a qualquer pesquisa sobre o homem, “pois é com base nesta capacidade (do homem) de confeccionar instrumentos que se erguem a cultura e a sociedade”.

O exame que realizaremos sobre os elementos formadores da cultura não será, de certo, analítico, mas, ainda sintético, apontando os fatores mais importantes do mecanismo cultural.

Falaremos do HOMEM porque “só o homem — na afirmação de RUTH BENEDICT — tem enriquecido constantemente seu modo de vida pela invenção e pela aprendizagem complexa”.

2 — O POSICIONAMENTO ATUAL DO TERMO “CULTURA”:

A conceituação do termo “cultura” tem passado por um autêntico processo evolutivo.

Utilizado, inicialmente, no fim do século XVIII, na Alemanha, o significado original circunscrevia-se aos aspectos históricos da humanidade.

A cultura era, pois, a expressão histórica dos costumes, instituições, idéias, artes e ciências.

Os historiadores motivaram-se pela curiosidade relativa à diversificação das sociedades e civilizações. No entanto, logo se conscientizaram de que a história da humanidade é um processo evolutivo e o quadro comparativo das sociedades e civilizações demonstra, também, o progresso humano.

Era necessário, assim, estabelecer os diversos estágios de evolução da vida humana, atendendo-se aos períodos de elevação dos conhecimentos, melhoria dos costumes e aperfeiçoamento das instituições sociais.

Nessa perspectiva, Johan Christophe Adelung, em 1782, publicou o “Essai sur L’histoire de la culture de l’espèce humaine”, obra

que analisava as origens do homem e sua evolução, dimensionando esse processo em oito períodos históricos.

O termo "cultura" origina-se do latim "colere" (cultivar), "CULTUS" (cultivo), passando para o francês como "culture".

No fim do século XIX, surge a expressão "KULTUR".

Na Idade Média, em França, o termo "cultura" significava culto religioso. Usava-se "culture" ou "coture" no sentido de campo lavrado, ou semeado. Os verbos "culturer" ou "counturer" designavam a ação de cultivar a Terra. Aos poucos, a palavra foi distanciando-se de sua etimologia e ganhando um sentido mais amplo.

Começou-se a utilizar o termo "cultura" como indicação de "progresso intelectual de uma pessoa" e, depois, "progresso intelectual e social em geral e das coletividades humanas". Conferiu-se-lhe, destarte, uma conotação coletiva.

A primeira conceituação etnográfica proveio da Antropologia inglesa, através da definição de E. B. TYLOR, na sua "PRIMITIVE CULTURE", em 1781.

Afirmou Tylor que "a cultura ou a civilização, entendida no sentido etnográfico amplo, é esse conjunto complexo que engloba os acontecimentos, as crenças, a arte, o direito, a moral, os costumes, e todas as outras aptidões e hábitos que o homem adquire, enquanto membro duma sociedade".

Essa definição descritiva foi tomada pelos antropólogos ingleses e americanos, chegando-se a conceituar a ANTROPOLOGIA, nos Estados Unidos, como "ciência da cultura".

Vieram, em seguida, as concepções sociológicas do termo e o neologismo passou a ter novas conotações extensivas e analógicas.

Várias e complexas definições do termo "cultura" registraram-se após esse período evolutivo, mas todas confirmam que a cultura é um produto do homem, enquanto ser social.

ROBERTO LOWIE define-a como "um conjunto das tradições sociais"; RALPH LINTON, como "uma herança social".

MELVILLE J. HERSKOVITS, mais breve, entende que a cultura é "a parte do ambiente feita pelo homem".

JULIO CARO BAROJA é mais analítico e ensina que a ciência etnológica trata de certo modo do homem como ser social e produtor de cultura ou civilização, através do tempo e do espaço". Imprime,

assim, uma significação sincrônica e diacrônica à etnologia (“através do espaço e tempo”), atribuindo ao termo cultura um sentido universal.

O alemão WILHELM MUHLMONN, com mais rigor que Caro Baroja, doutrina que a etnologia “é a ciência das formas e dos processos diversos como os povos e os seus indivíduos são obrigados a orientar-se no sentido de expansão no espaço e no tempo, segundo o seu ambiente natural, social e cultural”.

As várias definições do termo são unânimes em afirmar que “a cultura” é algo superorgânico, mais que um fenômeno biológico.

E, sentido comum, cultura significa “requisite intelectual ou esmero de educação individual; ilustrado mental”.

De resto, existe diferença entre o sentido das palavras cultura e civilização. Enquanto a primeira significa “o conjunto dos meios coletivos de que o homem ou uma sociedade dispõem para controlar e manipular o meio ambiente físico, o meio natural; a segunda refere-se ao “conjunto dos meios coletivos a que o homem pode recorrer para exercer controle sobre si próprio, para se elevar intelectual, moral e espiritualmente”.

3. FATORES DETERMINANTES DA CULTURA

Efetivamente, nada há que determine a cultura. Há fatores que podem limitá-la, condicioná-la ou moldá-la.

Os mais importantes e os que maior influência têm para a formação da cultura, são:

OS FATORES BIOPSIOLÓGICOS, GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E A PRÓPRIA CULTURA COMO FATOR DE SUA EVOLUÇÃO.

3.1 – OS FATORES BIOPSIOLÓGICOS:

O homem é, sem dúvida, a maior expressão dos seres vivos. Dotado de uma constituição, tem caracteres biopsicológicos que plasmam sua estrutura física e sua personalidade.

Afirma FELIX KEESING que “a compreensão científica da natureza constitucional e cultural do homem em certas premissas

gerais que fazem parte dos conhecimentos básicos de uma pessoa educada de hoje:

1. O homem faz parte do reino animal. Os seres humanos estão ligados a todos os outros organismos numa teia de vida biológica, como disse um filósofo chinês, “o homem é parente de toda a Natureza”.
2. Os homens modernos, como todos os outros organismos vivos, são produtos de um vasto e dinâmico processo de evolução. Essa evolução passou de formas simples e mais gerais a formas complexas e mais especializadas. O homem é ainda um animal bastante generalizado, com possibilidade de novas etapas de evolução.
3. Sob certos aspectos importantes, o homem é um animal *sui generis*. Isso transparece acima de tudo em sua precisa capacidade de comunicação simbólica, especialmente pela linguagem e assim sua capacidade de aprender e acumular experiência (cultura).
4. Em perspectiva mais ampla, todos os homens vivos têm características semelhantes; mas um exame de mais perto revela grande variação nas populações e nos indivíduos, especializações em constituições e em comportamento.
5. Durante toda a vida de um indivíduo ocorre um intercâmbio constante entre as potencialidades hereditárias e as influências do meio. A constituição e o comportamento humanos derivam sua forma de um intercâmbio de fatores *genéticos, ambientais e sócio-culturais*. Esses fatores se entrosam de maneira definitiva durante o crescimento, para moldar o adulto, e nesse processo cada indivíduo torna-se até certo ponto diferente e singular.
6. O homem não permanece parado. As características constitucionais dos grupos e indivíduos são constantemente modificadas em cada geração. As tradições culturais também sofrem modificações, como já dissemos. Antropologia Cultural, págs. 93/94.

As características biopsicológicas do homem, no entanto, não determinam sua cultura.

Apesar do esforço dos biólogos e psicólogos em criar listas e “instintos” para justificar as tendências sócio-culturais, verificou-se que essa experiência não representava a verdade.

Como ser biológico, o homem, de certo, tem “necessidades” de ordem espiritual e material, e deve satisfazê-las, mas isso não

significa que os fatores biológicos desempenham um papel determinante ou dominante no comportamento humano.

Esclarece KEESING que “as tendências biológicas do homem moderno são consideradas pelo antropólogo como intrinsecamente ligadas a fatores culturais. Separá-los conceptualmente já envolve um exercício mental difícil.” Antes mesmo do nascimento, o feto humano já é influenciado por fatores culturais.

Os antropólogos modernos têm argumentado contra esse determinismo biológico, preferindo a posição eclética.

A fatalidade genética acentua-se mais ainda no problema da raça. A luta pela cor agravou-se de tal maneira que se transformou em ideologia política: O RACISMO.

Superadas historicamente todas as teorias raciais, notadamente as que inspiraram o nazismo, não se admite qualquer tentativa de aceitação do determinismo racial.

“Até em sentido estritamente biológico o uso da palavra raça está sujeito a certas reservas”, afirma Herskovits.

Se o *homo sapiens* representa uma só espécie, embora dentro de uma variabilidade de tipos físicos, não é lícito falar em raças, quando muito se pode admitir a expressão “grupos étnicos”.

As investigações antropológicas e biológicas, até agora realizadas, testemunham e documentam a impossibilidade do determinismo racial e explicitam em que o tipo físico é influenciado pela cultura.

A título de ilustração, referimo-nos aos exemplos de ROMA e POTENZA (homogeneidade e heterogeneidade populacional), citados por Herskovits. Este chega a asseverar que “a cultura influi sobre o tipo físico mais que o tipo físico sobre a cultura”.

Finalmente, o pseudodeterminismo biológico, acentuadamente racial, passa por uma refutação mais sistemática, em face das constatações dos especialistas, sobretudo biólogos, psicólogos e antropólogos.

3.2 – FATORES GEOGRÁFICOS

O relacionamento entre o seu *habitat* denomina-se “Ecologia”.

É claro que, para se entender o homem, ter-se-á de examinar também as relações que ele estabelece com seu ambiente natural e que implicações isso oferece à sua cultura.

O Professor HERSKOVITS distingue a terminologia dos termos “*habitat*”, “*cultura*” e “*ambiente*”.

HABITAT — designa o cenário natural da existência humana, as condições físicas da região habitada por um grupo de pessoas; seus recursos naturais, real ou potencialmente à sua disposição; seu clima, altitude e outras condições geográficas às quais se adaptou;

CULTURA — refere-se àquela parte do ambiente total que compreende os objetos materiais de manufatura humana, as técnicas, as orientações sociais, os pontos de vista e os fins consagrados que constituem os fatores imediatos condicionantes em que se cimenta a conduta;

AMBIENTE — por conseguinte, adquire sua plena significação etimológica, a do dicionário: “o agregado de todas as condições e influências externas que afetam a vida e o desenvolvimento de um organismo”, neste caso, o homem em seu cenário natural e cultural. (Antropologia Cultural, pág. 186.)

A partir dessa conceituação, infere-se com clareza a distinção entre o ambiente natural e social. No primeiro predomina o elemento físico, enquanto que no segundo predomina o cultural.

Nenhum homem pode viver sem adaptar-se ao seu *habitat*. Essa adaptação resulta numa verdadeira expressão de domínio das condições do meio e numa resposta constante às exigências naturais.

A diversidade de áreas terrestres geograficamente dispostas revela, conseqüentemente, a variedade dos “ambientes naturais”, sua influência para a formação da cultura e as respostas econômicas dadas aos desafios históricos.

Povos, como os esquimós, têm merecido maior atenção dos estudiosos, em face das condições excepcionais do seu meio-ambiente.

A ANTROPOGEOGRAFIA ou GEOGRAFIA HUMANA estuda esse relacionamento do homem com seu *habitat*, bem assim as influências do meio natural no comportamento dos povos.

FRIEDERICH RATZEL, sábio alemão, celebrou-se por seus estudos de Geografia Humana, propiciando a seus seguidores o advento do determinismo geográfico ou ambiental.

J. RUSSEL SMITH afirma que “para compreender a contribuição do homem, é preciso estudar o lugar e o meio em que ele apareceu”.

Muitos autores seguiram a visão unilateral do *habitat*.

Entre esses, destaca-se E. HUNTINGTON, que combinou o determinismo geográfico com o biológico. Superestimou a força determinante do clima na formação da cultura.

Mais uma vez os investigadores culturais contestaram o determinismo geográfico, alinhando em prol de sua tese, uma série de elementos comprobatórios e irrespondíveis.

Entre os muitos exemplos apresentados, o caso dos índios do sudeste americano parece ser o mais contundente.

Os índios “pueblos” e “navajos” habitam o mesmo ambiente natural e possuem culturas diferentes. Conquanto os primeiros são agricultores, os segundos são pastores.

Inúmeras outras constatações poderão ser propostas em abono do antideterminismo geográfico. Assinala o Professor Herskovits: “A posição dos que criticam o determinismo ambiental é que o *habitat* de um povo atua mais como fator limitador que na formação da cultura.”

A insistência dos deterministas é mais uma vez destruída.

Jamais se poderá negar a importância do meio para a formação cultural do homem. As provocações do ambiente vão, sem dúvida, forjar o aparecimento das técnicas, a resposta aos desafios. O *habitat* oferece ainda inspiração para os mitos religiosos e artes. Mas nunca se deve esquecer que na equação cultura/*habitat* esse funciona mais como limitador seletivo, além do mais, a cultura também exerce influência no *habitat*. Di-lo o Professor Herskovits: “Quando mais adequada for a tecnologia de um povo, menos diretamente atuarão as exigências do seu *habitat*.”

Vê-se, pois, que a relação da cultura com os fatores geográfico e biológico é de inteira reciprocidade.

3.3 – FATORES HISTÓRICOS

Inserido no contexto histórico, o homem sente o reflexo das mutações conjunturais.

As virtudes dos antepassados, os costumes e hábitos, os mitos e crenças, tudo isso constitui o patrimônio tradicional, cujos valores se transmitem de geração a geração.

Em todas as sociedades, quer nacionais, regionais ou locais, há sempre as figuras lídimas, verdadeiros protótipos, cuja presença

mística serve de sustentação ideológica. Assim, temos um Kennedy, um Churchill, um Caxias, um Rui Barbosa.

Quem os moldou foi a História. Só os acontecimentos político-sociais possibilitaram o surgimento desses líderes que difundem grande influência cultural.

A História é, pois, um autêntico laboratório de experiências culturais.

O conceito de nacionalismo, de patriotismo e outras concepções estão inteiramente baseados na elaboração histórico-cultural.

A nação representa a soma das crenças, dos interesses, das tradições, da língua, da religião, do passado, do presente e das aspirações de um povo.

O historicismo é uma das correntes antropológicas mais sólidas. A percepção historicista dos fatos é o móvel da cultura. FRANZ BOAS considerava “todo o fenômeno como resultado de acontecimentos históricos”.

O papel que a História representa para a formação da cultura, revela-se em todas as atividades humanas.

Para demonstrar essa realidade, escolhemos um aspecto atual da conjuntura: OS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO NA AFRICA.

O criador do PAIGC — AMÍLCAR CABRAL — em trabalho com o título “CULTURA E O COMBATE INDEPENDÊNCIA”, entregue à UNESCO, analisa objetivamente os movimentos libertários e os posiciona no campo cultural.

De início, logo afirma: “A luta dos povos pela libertação nacional e pela independência tornou-se uma força imensa do progresso da humanidade e constitui, sem dúvida, um dos traços essenciais da história do nosso tempo.”

Acresce ainda o chefe guerrilheiro: “Pode-se, portanto, admitir que qualquer tentativa visando o esclarecimento do verdadeiro papel da *cultura no desenvolvimento do movimento de libertação* (pré-independência) pode ser um contributo útil para a luta geral dos povos contra o domínio imperialista...”

(Seara Nova, nº 1.544, julho, 1974, págs. 5 e segs.)

As lutas para a independência das colônias africanas embasam-se na realidade cultural e sobre ela se desenvolve toda a doutrina

libertária. Com efeito, são os fatos e atos humanos que fabricam a História. O homem é sempre o grande protagonista da história.

No plano histórico africano atual, a cultura não é somente uma constante manifestação de caracteres diversos, mas “um método de mobilização do grupo, isto é, uma arma para a independência”.

E, com mais detalhes, Amílcar Cabral expõe a distinção entre cultura e manifestação cultural: “A cultura é a síntese dinâmica, ao nível de consciência do indivíduo ou da coletividade, da realidade histórica, material e espiritual, de uma sociedade ou de um grupo humano, das relações existentes entre o homem e as categorias sociais. As manifestações culturais são as diferentes formas pelas quais esta síntese se exprime, individual ou coletivamente, em cada etapa da evolução da sociedade ou do grupo humano em questão.”

Finaliza o criador do PAIGC: “Com efeito, as coordenadas da cultura, tal como as de qualquer fenômeno em desenvolvimento, humanos (biológicos e sociológicos). Eis por que a cultura, criação da sociedade e síntese dos equilíbrios e das soluções que ela provoca para resolver os conflitos que a caracterizam em cada fase da História — é uma realidade social independente da vontade dos homens, da cor da pele, da forma dos olhos. Para que a cultura desempenhe o papel a que tem direito no movimento de libertação, este tem que estabelecer com precaução os objetivos a atingir na via da reconquista do direito do povo que ele representa e dirige, a ter a sua própria História e a dispor livremente das suas forças produtivas com vistas ao desenvolvimento ulterior de uma cultura mais rica, popular, nacional, científica e universal.”

A cultura nacional representa a mais eloqüente expressão histórica de um povo. Nela se fixam todos os elementos plasmadores da nacionalidade. E não é outro senão o fator histórico que emoldura o sentimento de patriotismo, promovendo pela via cultural, a imagem da nação.

Ressalta bem o Professor JORGE DIAS: “Enquanto a cultura local tem caráter quase ecológico e resulta do conflito entre a vontade do homem, o ambiente e a tradição, a cultura superior (civilização ou cultura histórica) transpõe esse conflito para o plano espiritual, porque o elemento ambiente é substituído pela História.

A revolução em si nada mais é que um produto da dinâmica cultural.

Por essas razões, é indiscutível o papel que a História desempenha na formação cultural dos povos. Ainda assim, não se trata de

um determinismo histórico, mas o reconhecimento de que a História plasma a personalidade dos homens e estrutura o *modus vivendi* espiritual das gerações.

Embora não seja determinante, o fator histórico é um elemento básico na formação da cultura.

3.4 — A CULTURA COMO FATOR DE SUA PRÓPRIA EVOLUÇÃO:

Mesmo não aderindo à “CULTUROLOGIA” de Leslie White, tão pouco ao extremismo de alguns que defendem o determinismo cultural, ponho-me ao lado daqueles que vêem a cultura como fator de sua própria evolução.

Quando KROEBER afirma que “a cultura é um fenômeno *sui generis*, que se comporta segundo suas próprias leis”, ressalta o caráter superorgânico da cultura, cujo estudo implica também no do indivíduo, seu iniciador e portador.

Não se infere disso, pois, que a cultura tenha um *status* superior aos outros fatores, mas compreende-se facilmente que há fenômenos ditados somente pelas leis culturais.

Na sua condição de “ser determinado e indeterminado”, “livre e condicionado”, o homem supera os óbices naturais e humanos de sua existência, e constrói a sociedade.

4. CONCLUSÃO

WISSLER declarou que “o homem constrói culturas porque não pode deixar de fazê-lo. Há em seu protoplasma um impulso que o impele para a frente, mesmo contra vontade.” A cultura é, antes de tudo, um imperativo biológico. Ela tem seus diversos *patterns* que obedecem a uma *coherence* e formulam um *design*.”

O sistema PCD (*pattern-coherence-design*), visto culturalmente, dá-nos também a idéia de organicidade, finalidade, coerência e modelo.

A delimitação dos determinantes culturais conduz-nos a uma visão íntegra da cultura e dos seus suportes básicos.

De certo, não há um determinismo para a cultura.

Os elementos que a influenciam são interdependentes, são convergentes e nunca se excluem.

Defender qualquer tipo de determinismo, é negar ao homem a capacidade de vencer os obstáculos inerentes à própria existência.

É o antropólogo Herskovits quem proclama: “A reação partiu mais dos que apreciam a posição eclética em cuja virtude, dada a quantidade de forças (geográficas, biológicas, psicológicas, históricas) que intervêm na cultura não é lícito exaltar o papel de nenhuma delas em detrimento das demais, devendo-se estudá-las e ponderá-las todas.”

A antropologia do futuro debruçar-se-á sobre uma gama infindável de novos problemas, num complexo cultural mais amplo.

E Keesing comenta: “Esta tentativa de lançar os olhos para o futuro, inclusive as possíveis aplicações da Antropologia Cultural na solução de certos tipos de problemas, encerra de forma adequada este comentário à “ciência do costume”. A cultura, continuando na base a ocupar-se dos atos mínimos de inovação e comunicação por parte de indivíduos, possui possibilidades dinâmicas.

Se fizermos um retrospecto histórico da humanidade, encontramos, de certo, uma seqüência lógica de acontecimentos culturais que marcam definitivamente a presença da cultura no progresso humano.

Nos mais variados campos sociais, a cultura se expande e — por si própria — tem estabelecido mudanças, às vezes até imprevisíveis.

As descobertas que se têm feito ultimamente, o progresso da tecnologia nos mais diversos ramos do conhecimento humano, constituem processo cultural em que se apuram todas as experiências anteriores.

A teoria dos “resíduos” de Vilfredo Pareto e a da “provocação e resposta” de Toynbee, evidenciam os aspectos da dinâmica cultural.

Se o conservadorismo tenta estabilizar os valores, os progressistas investem sempre contra o *statu quo* e buscam as modificações para a vida social.

Nessa luta, que se travará sempre, surgem as novas matrizes culturais, e a herança social transmite-se às gerações com as características da época. Esse revolver de idéias, de atitudes, de gestos, de condutas, determina uma nova imagem cultural, embora coerente com o elemento essencial de origem.

Assim, a evolução humana coincide quase com a evolução cultural. O progresso do homem nada mais é do que o desenvolvimento de sua cultura. Isolá-lo desse binômio indivíduo/cultura, seria fugir à verdade da História.

E que dizer das previsões futurologistas de HERMAN KAHN? Os dados obtidos através dos computadores não já demonstram claramente o desenvolvimento cultural?

E as respostas às previsões do Instituto Hudson não são desafios que a cultura dos povos terá de enfrentar? Não só enfrentar como resolver.

E as comunicações hodiernas não são, por acaso, um testemunho eloqüente do avanço tecnológico, da busca incessante pela perfeição inatingível?

Vivemos uma era de transmutações violentas e constantes. Nunca a cultura progrediu tanto e em tantos aspectos da vida humana. Parece até estarmos diante ou sob o imério das leis culturais.

Linton é mais categórico, quando diz que “a cultura é infinitamente capaz de aperfeiçoamento”.

Razão tem EDGAR MORIN em advogar a criação de uma “antropolítica”. Ele mesmo o esclarece: Quando mais nos aproximamos de uma crise mundial e planetário mais, num certo sentido, estamos perto de uma tomada de consciência da necessidade de uma política do Homem. Mas todas essas crises têm virtudes progressivas, acelerando a tomada de consciência e, ao mesmo tempo, têm também possibilidades regressivas, permitindo fixações em erros, mitos e falsas soluções. Pessoalmente, creio que todos os movimentos de libertação, no seu começo, e todas as crises trazem em si um novo germe de política do Homem. Mas não posso dizer se essa nova política terá sucesso sem enraizar, visto que a resistência dos velhos sistemas é muito grande.”

Esta visão humana dos problemas sociais preservará, sem dúvida, os valores do homem, assegurando-lhes sempre o *status* que Deus lhe conferiu.

A política do Homem trará conseqüências mais lógicas e conjuará mais ainda os fatores culturais que, como antes dissemos, não se sobrepõem, mas constituem uma única verdade: o HOMEM.

Lisboa, 9 de junho de 1974. — *Paulo Lopo Saraiva*.

BIBLIOGRAFIA

1. A Natureza das Coisas Culturais – MARVIN HARRIS – Editora Civilização Brasileira, 1968.
2. Antropologia Cultural – Prof. Dr. JORGE DIAS – lições dadas ao 1º ano Complementar – Edição da Associação Acadêmica do ISOSPU.
3. Estudos de Problemas Brasileiros – F. LEME E OUTROS – Biblioteca do Exército e Renes Editores – Rio, 1971.
4. Antropologia Cultural – FELIX KEESING – vol. 1 e 2 – Editora Fundo de Cultura – Rio, GB.
5. Homem, Cultura e Sociedade – HARRI L. SHAPIRO – Editora Fundo de Cultura Brasil-Portugal.
6. Introdução à Antropologia Cultural – MISCHA TITIEV – Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.
7. “Man and his works” – Antropologia Cultural – MELVILLE J. HERSKOVITS – vol. I e II – Editora Mestre Jou – São Paulo.
8. Macroeconomia do Rio Grande do Norte – MARCELO MORAIS – PAULO SARAIVA – Natal, 1973.
9. Os grupos autóctones do deserto Namide – JOSÉ DE SOUZA BITTENCOURT e GONÇALVES COTTA – Separata do Bol. Invest. Cient. Ang. (Luanda) I:1962.
10. SEARA NOVA, nº 1.544 – junho, 1974.
11. TEXTOS DE ANTROPOLOGIA – Para uma definição de Cultura – Associação Acadêmica do ISOSPU – 1974.
12. VIDA MUNDIAL, nº 1.820, de 26-4-74.

981.32

Reg: 3.8